

Este material foi organizado para e lido no 4º minissarau do Projeto Poesia no Hospital de Clínicas de Porto Alegre, organizado pelo médico Rogério Xavier. Saguão do hospital – 13-14h de 16/9/2015

A formação da poesia no Rio Grande do Sul: Amostragem

Agradeço o convite ao dr Rogério Xavier, ilustre promotor da literatura, fato raro nestes tempos de muito barulho e pouco tino. Espero que não se arrependa com o que vem a seguir.

Vamos tentar um passeio rapidíssimo nos caminhos da poesia e dos versos que vimos construindo no RS, desde nosso alvorecer. Porque viajamos aqui tremendamente rápido, vamos fazendo injustiças, porque toda seleção mutila, especialmente em quinze minutos.

As primeiras manifestações versificadas no RS começaram pela oralidade, como qualquer forma expressiva iniciante (ou balbuciante). Costumamos denominar oralitura o acervo assim produzido. Começamos a falar na primeira metade dos 1800. Diferentemente das manifestações mais antigas do planeta, não iniciamos por construir mitologias ou religiões. O Rio Grande começou a expressar-se em conflitos entre ideários político-sociais e, naturalmente, sob o encantamento do amor.

O primeiro trovador, que a pesquisa pôde confirmar, foi Pedro Canga, reconhecido durante o enfrentamento entre farroupilhas e imperiais. Quanto ao primeiro texto versificado impresso que identificamos, data ele de 1823 e foi composto por Maria Clemência da Silveira Sampaio, natural de Rio Grande.

Creio que caiba uma observação supositiva a respeito: É bem provável que os guarani das Missões tenham tido textos escritos próprios. A insanidade da ganância dos borba-gato levou-os a matar, roubar, escravizar, incendiar. Minha suposição vai por conta do que a igreja católica fez, sabidamente, no México e no Peru, no impulso doutra loucura inventada pelos homens, a das certezas das religiões (de novo em voga atualmente) na destruição de expressões culturais antecedentes. Nas Américas, perderam-se textos grafados e quipos produzidos por filhos da Pachamama. Em quipos, conhecemos alguns poemas; dos missioneiros, nada, a exceção das esculturas difíceis de carregar.

Sáímos da observação: Como demandaria longo tempo mencionar todos os bons e ótimos textos da poesia gaúcha, vai aí representação de todos em obras dalguns.

A quadrinha que vou ler a seguir é a primeira da narrativa popular versificada sul-rio-grandense *O tatu*, matriz de parte da nossa literatura. Por se tratar de texto anônimo e originalmente oral, apenas por estimativa se pode dizer que deve ter sido iniciado no século 19.

Eu vim contar a história
dum tatu que já morreu,
passando muitos trabalhos
por este mundo de Deus.

A próxima (quadra) inicia o rimance *O tatu* (1982) de Donald Schüller, elaborada dialogicamente ao texto matricial anônimo (*O tatu*), a uns 150 anos da primeira.

Vim contar este rimance
dum tatu que não morreu;
como prova da verdade,
companheiro, aqui estou eu.

A seguinte quadrinha faz parte da segunda mais conhecida narrativa popular versificada gaúcha, também texto gerador da nossa literatura. *Chimarrita* é a representação da companheira de sina do tatu, ou seja, a eva pobre e sofrida.

Chimarrita morreu ontem,
mas pra sempre há de durar;
as penas da Chimarrita
fazem a gente pensar.

Em continuação, consideramos um soneto originalmente sem título. Foi publicado em 1849 no segundo romance rio-grandense-do-sul, *O corsário*, de Caldre e Fião. Caldre e Fião é o nome literário do porto-alegrense José Antônio do Vale. Podem-se observar várias curiosidades na leitura desse poema: (1^a) é da lavra do primeiro romancista natural do RS e um dos formadores do romance nacional; (2^a) apesar de aparentemente inusitado, isso de incluir poema em narrativa em prosa tem tradição, pelo menos, desde o 2^o medievo; (3^a) revela-nos como era comum, já então, a imagem dum gaúcho engrandecido por quem vivia nos incipientes centros urbanos ou precisavam dele na guerra; (4^a) esse alargamento da imagem acaba(va) por retirar-lhe a circunstância concreto-sensorial, em que pode/ia ser observada diuturnamente; (5^a) o poema *Pago vago* (que daqui a pouco vamos ler) se aproxima tematicamente do soneto em questão.

Nestes pagos, sou conhecido
 Por *monarca* de grande opinião,
 Tenho fama por todo este rincão
 E por Deus que sou quebra destemido.

E se houver algum mais presumido,
 Que apareça esse grande quebralhão,
 Que hei de pisotear-lhe no garrão
 E a rebenque levar esse atrevido.

Sou *monarca* e meio abarbarado:
 Se me pisam no poncho já me esquento
 E saco o meu facão enferrujado.

E por Deus que daqui me não ausento
 Sem deixar um diabo codilhado
 E também já me corto que nem tento.

A sextilha que lerei a seguir faz parte do mais longo poema narrativo produzido entre nós, o *Antônio Chimango* do Amaro Juvenal (nome literário de Ramiro Barcelos, natural de Cachoeira do Sul). Como obra vinculada a pensamento político, procura mostrar fragilidades da ideologia da situação, representada pelo governo de Borges de Medeiros, à qual o poema se opõe. Por isso, sugere como as pessoas comuns, comumente ditas povo, eram enxergadas pela situação. O poema, porém, é mais que isso: é forma de pensar sobre o RS, ou, como é nomeado na obra, Estância de São Pedro.

O povo é como o boi manso:
 Quando novilho atropela,
 Bufo, pula, se arrepela,
 Escrapeteia e se zanga;
 Depois... vem lambar a canga
 E torna-se amiga dela.

Duas almas é soneto de Alceu Wamosy, nascido em Uruguaiana, uma das vozes simbolistas mais categorizadas da literatura. O poema se estabelece principalmente, como convém à técnica simbolista, no âmbito da preponderância fônica dos vocábulos em versos harmonizados pela musicalidade. Por isso, é corrente dizer-se que, na estética simbolista, o significativo é poeticamente prioritário sobre o significado.

Ó tu que vens de longe, ó tu que vens cansada,
 entra, e sob este teto encontrarás carinho:
 Eu nunca fui amado e vivo tão sozinho,
 vives sozinha sempre e nunca foste amada.

A neve anda a branquear lividamente a estrada,
 e a minha alcova tem a tepidez de um ninho.

Entra, ao menos até que as curvas do caminho
se banhem no esplendor nascente da alvorada.

E amanhã, quando a luz do sol dourar, radiosa,
essa estrada sem fim, deserta, imensa e nua,
podes partir de novo, ó nômade formosa!

Já não serei tão só, nem irás tão sozinha!
Há de ficar comigo uma saudade tua...
Hás de levar contigo uma saudade minha...

A seguir, leio fragmentos dum dos textos mais impressionantes que a literatura já produziu: *A salamanca do Jarau*, conto de base lendária redigido pelo pelotense J S Lopes Neto. Lopes Neto é justificadamente o mais significativo autor pré-modernista brasileiro.

[Sobre o gaúcho e o boi barroso do destino]

Era um dia... um dia, um gaúcho pobre, Blau, de nome, [...] que só tinha de seu um cavalo gordo, o facão afiado e as estradas [...], estava conchavado de posteiro, ali na entrada do rincão; e nesse dia andava campeando um boi barroso.

[Sobre a limitação da vida]

Tudo o que volteia no ar tem seu dia de aquietar-se no chão...

[Sobre o olhar de amor]

[...] olhos de amor, tão soberanos e cativos, em mil vidas de homem outros se não viram!...

[Sobre o segredo de vida e morte do amor]

[...] por senha da vontade a boca não falou.

[Sobre a paixão amorosa]

[...] ia eu começando o meu fadário, todo dado à teiniaguá, que me enfeitiçou de amor, pelo seu amor de princesa moura, pelo seu amor de mulher, que vale mais que destino de homem!...

[Sobre a moral]

[...] governa o pensamento e segura a língua: o pensamento dos homens é que os levanta acima do mundo, e a sua língua é que os amesquinha...

[Sobre o caminho da vida]

Alma forte, coração sereno!... Vai!

Provavelmente o mais conhecido poeta gaúcho da nossa época, incluído teoricamente no Modernismo, o alegretense Mário Quintana elaborou amplo espectro poético. *Os poemas* (título dum poema dele), que vamos ler, expõe-se em suaves versos que metaforizam a natureza no interior humano. Como

fundamento ideológico, trabalha a teoria da leitura sobre o texto literário: o leitor dialoga com o texto, o completa, parcialmente o assimila e ou o recusa, ou seja, o interpreta. Como muitos outros poemas brasileiros, dedica-se a refletir, pois, sobre como ler textos literários.

Os poemas são pássaros que chegam
 não se sabe de onde e pousam
 no livro que lê.
 Quando fecha o livro, eles alçam voo
 como de um alçapão.
 Eles não têm pouso
 nem porto;
 alimentam-se um instante em cada
 par de mãos e partem.
 E olhas, então, essas tuas mãos vazias,
 no maravilhado espanto de saberes
 que o alimento deles já estava em ti...

Do mesmo autor, teremos agora um quintanar. Nele, a suavidade sumiu; o diálogo virou confronto. Esse poema-frase invectiva frontalmente os que usurpam lugares de outros, usam do domínio da leitura, mas optam pelo monólogo cultural e ou o abandono social.

Os verdadeiros analfabetos são os que aprenderam a ler e não leem.

Pago vago é destacado poema do Pós-modernismo literário sul-rio-grandense. O autor é Apparicio Rillo, natural de Porto Alegre. Nele a voz lírica se esforça por entender que é o pago, o amado rincão do nascimento, do imaginário, da existência e provável do repouso. O pago nasce com as pessoas; subsiste, porque persiste na memória; permanece, porque se sustenta na palavra da poesia (ou da literatura ou da arte em geral) – “alicerces de vento do meu canto”, ou seja, constituídos de ar, i. é, do alento ou sopro (da vida), como se poderá constatar.

Vago é meu pago.
 Este que trago,
 cicatriz em mim.
 Raiz de minhas íntimas origens,
 veio subterrâneo de onde vim.

Vago é meu pago.
 Este que trago,
 Em músculos e ossos.
 Inteiro como foi, porque é memória,
 Flor de perenidade entre destroços.

Vago é meu pago.

Este que trago,
 Como sombra e manto.
 É meu destino a cruz de sustentá-lo
 Nos alicerces de vento do meu canto.

A longa e proveitosa tradição das quadrinhas populares, às vezes mesmo desprezando trabalho mais exaustivo de confecção, chega aos anos 1960. Lerei dois poemas heptassílabos completos, ou trovas, do porto-alegrense Prado Veppo (autor que já trouxe uma vez a estes encontros de poesia). Mesmo que se ressintam de elaboração mais aprimorada, surpreendem o leitor por isso mesmo e pela forma rápida e contundente de chegar aos núcleos ideológicos que propõem: Um mostra estranheza diante do poder das majorias, ou seja, da constatação do número tão-somente; o outro constata o impacto do círculo endinheirado, que só concebe o poder de comprar.

Para entristecer-se
 Já basta o seguinte:
 Sentar numa cadeira
 E pensar na maioria.

Os meninos pobres
 São bonecos vivos
 Que os meninos ricos
 Comprarão mais tarde.

Consideremos que nosso passeio vai terminar no próximo texto. Intitula-se *Das salamancas*. Faz parte de composição musical: foi escrito por Nilo de Brum e musicado em mazurca por Ewerton Ferreira. Concorreu na 12ª edição do Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul (1982). Serve de exemplo de como incerta crítica emprega mal o adjetivo *regionalista*. Basta que o texto trate das nossas coisas, especialmente das campeiras, pra receber o rótulo. Esse adjetivo pode redundar depreciativo e injusto ao texto e quase sempre demolidor. Muitos bons e ótimos textos foram enterrados sob essa classificação, normalmente impensada e ou sem fundamentação suficiente.

Das salamancas dos gabinetes
 Estranhos ventos te ameaçam.
 Coxilha agora é um perigo
 Já vem do céu o inimigo.
 Tafonas brancas e saladeiros,
 Por razões bem conhecidas,
 Estão vazios, sem movimento.
 Lá fora o vento devora vidas,
 Devora vidas lá fora o vento,
 Devora o vento lá fora vidas.
 O pala que te protege
 Da geada e do minuano

Contra a garoa da radiação
Não vale nada, porque é de pano,
Porque é de pano não vale nada,
De nada vale porque é de pano.

Montado em um foguete
Vai o ginete buscar resposta.
Nos quatro cantos do continente,
Todos esperam nova proposta,
E as nebulosas contêm segredos.
Em potros lerdos ninguém aposta,
Ninguém aposta, porque são lerdos,
Porque são lerdos, ninguém aposta.
E se o fantasma desse ginete
Trouxer sementes quando voltar,
Nos intervalos dos campos-santos
O recomeço terá lugar,
Terá lugar por ser começo,
Por ser começo terá lugar.

Hospital de Clínicas de Porto Alegre.
4º Minissarau do Projeto Poesia no HCPA, 16/9/2015.
Cicero Galeno Lopes.

---oo0oo---